

"Depois da Pandemia: Como o coronavírus vai mudar nossas vidas para sempre — da música à política" - Resumo por Amanda Rossi

Depois da Pandemia

Como o coronavírus vai mudar nossas vidas para sempre — da música à política e medicina

Publicado em março de 2020

RESUMO EM PORTUGUÊS:

A pandemia de gripe de 1918 parou a sociedade. Cerca de 1 de cada 4 americanos pegaram a doença - dentre eles, 2,5% morreram. Na tentativa de controlar a pandemia, autoridades proibiram aglomerações, fecharam escolas, igrejas e outras instituições. Ainda assim, quando a pandemia de 1918 acabou, as pessoas correram para voltar à normalidade.

Alguns hábitos mudaram para sempre. Os americanos nunca voltaram a compartilhar o mesmo copo, comportamento comum em escolas e escritórios. Também passaram a recriminar cuspidas em público. Começaram a educar a população sobre higiene pessoal. Mas, por outro lado, a gripe de 1918 e a morte de 675 mil americanos não impulsionaram uma reformulação do sistema de saúde dos Estados Unidos.

Nós não precisamos repetir os erros do passado. Aqui estão algumas mudanças pelas quais nossa cultura pode passar.

A vida em turnê

Por Rosanne Cash, cantora e compositora vencedora do Grammy

No último tour, no começo de março, Rosanne Cash pôs fim aos encontros com o público no camarim ao final dos shows. Não considera parar de conceder autógrafos, mas talvez seja uma boa ideia passar álcool na capa do disco antes de assinar. Também pretende banir tigelas de comida exposta no camarim.

Rosanne Cash faz parte da Aliança pelo Direito dos Artistas. Se o governo oferecer ajuda, ela espera que músicos e performers também sejam incluídos.

A cantora afirma: “Não consigo deixar de pensar que está ocorrendo uma redefinição darwiniana, mas resta saber qual é a vantagem evolutiva primordial - um sentimento de comunidade e compaixão, espero. Os artistas se tornam telas nas quais as pessoas projetam suas necessidades, e talvez a reflexão que oferecemos ao público possa ser mais ‘nós’ e menos ‘eu’.”

Mais melodrama político

Por Liz Mair, ex-diretora de comunicação online do Comitê Nacional Republicano e veterana em diversas campanhas presidenciais

Nos Estados Unidos pós-pandemia, aqueles que investirem e se adaptarem a uma comunicação focada em tecnologia serão bem-sucedidos.

No caso de candidatos presidenciais, é de se esperar uma cobertura midiática automática, mesmo que os debates ou comícios sejam cancelados por causa do distanciamento social. Já no caso de candidatos desconhecidos, o distanciamento social representa a impossibilidade de gerar cobertura da mídia, conquistar o entusiasmo dos eleitores e arrecadar dinheiro.

Políticos gente boa, mas chatos, podem ter sucesso na política do varejo. Mas dificilmente vão conseguir se vender em um ambiente político predominantemente online. Os tuítes mais atraentes, não as melhores ideias, vão vencer a disputa do dia. Aqueles que querem ouvir menos bobagens e mais profundidade dos nossos líderes terão que se adaptar.

Se uma vacina contra o coronavírus não chegar logo, a política, restrita à Internet, será mais melodramática do que nunca.

FaceTime com o seu médico

Por Kimberly Gudzone e Heather Sateia, professoras associadas na Johns Hopkins School of Medicine

Os sistemas de saúde estão batalhando para migrar para a telemedicina quase que do dia para a noite.

Pela telemedicina, é possível fazer quase tudo — mas os pacientes que precisarem fazer testes ainda terão que ir a laboratórios e ainda será preciso visitar o médico se for preciso fazer um exame físico.

Em um mundo pós-pandemia, a adoção da telemedicina pode trazer benefícios para a saúde pública. Há grandes desigualdades no acesso à saúde — por raça, gênero, peso, renda, localização geográfica. A telemedicina pode ajudar a reduzir essas desigualdades. Além disso, a revolução da telemedicina pode remodelar a forma que ajudamos os pacientes a lidar com doenças crônicas e também transformar a medicina preventiva, ao facilitar muito o contato entre médico e o paciente.

A pandemia também pode mudar a medicina de outras formas. Os pacientes têm compartilhado as suas ansiedades com os médicos. Os médicos, por sua vez, estão retornando

às raízes da profissão, reconhecendo como é importante ouvir e ter empatia com preocupações dos pacientes.

Transporte (não tão) de massa

Por Joel Kotkin, diretor-executivo do Urban Reform Institute e fellow da Chapman University

As grandes cidades são locais ideais para a propagação de doenças contagiosas, já que as pessoas vivem muito perto umas das outras e se misturam com muita frequência — no transporte público, por exemplo.

É provável que a pandemia acelere mudanças na maneira como nos distribuímos pelas cidades. Os millenials americanos estão cada vez mais fugindo das grandes cidades, como Nova York, Los Angeles e Chicago, e procurando viver em cidades menores.

Um mundo globalizado, com cada vez mais possibilidades para trabalhar de forma remota, empurrará os trabalhadores de volta para o interior.

Comprimentos pessoais

Por John Scalzi, escritor

Em março, John Scalzi embarcou em um cruzeiro — antes da recomendação em contrário — temático, com artistas e passageiros nerds. Logo, surgiu a notícia da pandemia e foi preciso encontrar uma nova forma de se cumprimentar. Alguns tentaram emplacar a Saudação Vulcana, da série Jornada nas Estrelas.

Mas a cumprimento vencedor foi o tocar de cotovelos. Satisfazia a necessidade de contato físico, usando uma parte do corpo tão isolada que é improvável que carregue o coronavírus.

Para o futuro, John Scalzi acredita que um simples sinal de “olá” será suficiente. É um gesto amigável e também sinaliza a compreensão de que, às vezes, um pouco de distância não é rude, mas sim uma gentileza.